



CAMPOS DE LAPIÁS
LOULÉ

ÍNDICE

2	Enquadramento
3	Localização
4	Evolução da paisagem e ocupação humana
6	Tradições e memórias vivas
7	Caracterização ambiental
7	● Geodiversidade
8	Megalapiás
9	Rochas que nasceram no mar
10	● Flora e vegetação
11	Os segredos florísticos
11	Jardins de narcisos selvagens
12	● Fauna
12	Insetos
13	Anfíbios
14	Répteis
15	Aves
16	Mamíferos
18	Percurso pedestre
21	Código de conduta

ENQUADRAMENTO

A presente publicação surge como uma compilação da informação reunida no âmbito do projeto “**Loulé - Cadoiço e Megalapiás: Revelar o que já existe!**”, desenvolvido pela Almargem - Associação de Defesa do Património Cultural e Ambiental do Algarve, durante 2019 e 2020. Este Projeto teve como objetivo principal estabelecer uma base de dados sólida e científica, em termos de história, geografia, geologia, património cultural, flora e fauna, para dois locais importantes e ainda desconhecidos, para muitos, localizados na envolvente da cidade de Loulé - a Ribeira do Cadoiço e os Megalapiás do Barrocal. Pretende-se assim valorizá-los para que, no futuro, se possam tornar locais privilegiados de visita, disseminação e sensibilização ambiental. Embora diferentes, estas duas áreas, são há muito reconhecidas pela Almargem pelo valor histórico, cultural e ambiental que comportam.

Esta brochura é um convite à descoberta de uma dessas áreas, os **Megalapiás do Barrocal**. Os megalapiás, ou lapiás de grandes dimensões, são formações geológicas características da paisagem calcária, que ocorrem sobretudo na zona do Barrocal, sendo vários os núcleos conhecidos pelas suas dimensões e variedades de formas que apresentam. Para além do seu valor geológico, encontram-se relativamente bem preservadas do ponto de vista paisagístico e ambiental, valorizando-se assim o estudo, preservação, divulgação e usufruto destes geomonumentos numa visão mais alargada das políticas de conservação da natureza, enaltecendo não só a geodiversidade como também a biodiversidade da região.

Estes núcleos têm potencial e características singulares, o que justifica a sua introdução num roteiro que fará parte de uma candidatura do aspirante Geoparque Algarvensis Loulé-Silves-Albufeira a Geoparque Mundial da UNESCO, com o objetivo final de equilibrar a preservação do património natural e o desenvolvimento sustentável.



LOCALIZAÇÃO

O principal aglomerado de lapiás existente no Concelho de Loulé (Algarve, Portugal), localiza-se no Barrocal (região algarvia assente no maciço calcário que ocupa o Algarve central, encaixado entre a serra e as planícies litorais), mais especificamente a norte e noroeste da cidade de Loulé, entre o Castelão (Freguesia de São Sebastião) e Clareanes (Freguesia de São Clemente). Três áreas assumem uma especial relevância:

- Varejota ou núcleo de Penedos do Castelão-Pissilveira (N 37°10'16.0" / W 8°04'39.9");
- Barrocal da Tôr (N 37°10'24.8" / W 8°02'35.3");
- Malhada Velha ou núcleo de Penedos do Frade (N 37°10'20.7" / W 8°00'45.0").

Os dois núcleos mais a este, Barrocal da Tôr e Malhada Velha, estão inseridos no Sítio de Importância Comunitária (SIC) Barrocal (PTCON0049) definido pela Diretiva Habitats da Comissão Europeia (92/43/EEC).

EVOLUÇÃO DA PAISAGEM E OCUPAÇÃO HUMANA

O concelho de Loulé detém uma posição geográfica central no Algarve, estando subdividido em três unidades morfológicas com características muito próprias, que potenciaram o aparecimento de gentes com diferentes saberes e viveres, contribuindo para o enriquecimento da cultura algarvia: a Serra, o Barrocal e o Litoral.

Vista panorâmica na Malhada Velha

Antes de qualquer intervenção humana, o **barrocal** algarvio possuiria um coberto vegetal, onde se destacariam as florestas de: azinheira (*Quercus rotundifolia*), carvalho-cerquinho (*Quercus faginea*), zambujeiro (*Olea sylvestris*) e freixo (*Fraxinus angustifolia*). Pensa-se que esta floresta original tenha sido degradada pelos árabes como forma de aumentar as áreas de cultivo e pastoreio.

Os vários povos que, ao longo de séculos de história, ocuparam as terras de *Al Garb*, foram responsáveis pela introdução de diversas espécies, usadas até hoje na agricultura. Os povos **pré-romanos**, como os gregos, ter-nos-ão deixado um legado de espécies hortícolas, como: a fava (*Vicia faba*), a ervilha (*Pisum sativum*), o tremçoço

(*Lupinus albus*) ou o chícharo (*Lathyrus sativus*), e de árvores de fruto, como a figueira (*Ficus carica*) e a amendoeira (*Prunus dulcis*). Posteriormente, os **muçulmanos** terão trazido com eles outras árvores de fruto, como a laranjeira e o limoeiro, e fomentado os tradicionais pomares de sequeiro onde dominava a oliveira, a figueira, a alfarrobeira e a amendoeira.

Os gregos terão ainda aprendido a tirar partido de algumas das nossas espécies autóctones, espalhadas pelo Barrocal, tais como: a aroeira (*Pistacia lentiscus*), aplicada na perfumaria, ou a cornalheira (*Pistacia terebinthus*) e o carrasco (*Quercus coccifera*), utilizados para tingir tecidos de amarelo e escarlate, respetivamente.



Com a **conquista cristã**, o Barrocal continuaria a ser a localização da maioria dos núcleos povoados, onde a prática de trabalhar a terra em terrenos adjacentes à urbe era encarada, por uns, como complemento ao trabalho, possuindo estes uma pequena horta ou pomar; ou como palco das maiores produções de figos, azeitona e uva, contribuindo, não só para uma economia de autoconsumo, como para o incremento das percentagens de exportação do concelho.

Até ao **Séc. XX**, o Algarve não sofreu, aparentemente, grandes alterações na agricultura, sendo que os seus cultivos típicos seriam todos importados. No Barrocal, dava-se primazia a pomares de sequeiro (oliveiras, amendoeiras ou alfarrobeiras), e a culturas de sequeiro (trigo, cevada, favas ou ervilhas), usadas maioritariamente para consumo próprio ou para produzir ração para os animais. A limpeza dos terrenos para cultivo era feita quer pelo gado quer pela mão do Homem. Os moradores das aldeias vizinhas ainda guardam na memória a utilidade que davam aos matos que cortavam: o sargaço era usado como combustível para os fornos que coziavam o pão; o tojo era usado para limpar a pele dos porcos aquando da sua matança; a aroeira e a palmeira-anã eram utilizadas para a confeção de vassouras de rua e de casa, respetivamente; e as várias espécies de matos eram utilizadas como combustível dos fornos de cal, que ainda hoje se podem observar próximo ao Barrocal da Tôr.

Atualmente, os terrenos, maioritariamente abandonados pelos seus donos, são dominados por matos mediterrânicos, resultado da regeneração natural da vegetação, e são usados maioritariamente para a caça. Ainda assim, é possível observar vestígios dos anteriormente vigorosos pomares de sequeiro.

Pomar de sequeiro próximo à Varejota



TRADIÇÕES E MEMÓRIAS VIVAS

De entre os moradores locais e das aldeias vizinhas, a opinião divide-se. Se há quem nunca deu grande importância à presença destas “pedras”, os lapiás, muitos há que, no seu tempo de meninice, aproveitaram este elemento natural para brincar. Às várias estruturas rochosas eram atribuídos, criteriosamente pelas crianças, nomes de animais e criaturas fantásticas, de acordo com as suas características - “elefante”, “esfinge”, “cabeça-de-velha”, “águia”, “penedos do frade” -, sendo aqueles de maiores dimensões e lisos usados como escorrega. Havia ainda aqueles que utilizavam a água da chuva retida nas cavidades destas formações para brincarem aos batizados e usavam o fogo para perceber a profundidade das aberturas e das grutas.

Aos domingos, as jovens raparigas juntavam-se e iam passear a pé, pela estrada fora, indo parar muitas vezes à Pia Silveira, local proibido pela maioria dos pais. A zona dos lapiás tem muitos orifícios, grutas verticais e enormes pedregulhos, local perigoso, portanto, para brincadeiras de crianças sem supervisão de um adulto, sendo que se dizia que as pessoas podiam “ser engolidas”. Há algum misticismo e velhas superstições à volta dos lapiás, associados a energias negativas ou positivas consoante a crença de cada um. Há vários relatos sobre o uso destes espaços como locais de culto em noites de lua-cheia.

Uma das tradições mais recorrentes no local era a caça à raposa. Estes animais eram vistos como uma ameaça às galinhas e coelhos, criados na maioria das propriedades e, como tal, o “homem forte e corajoso” que eliminasse este predador ganhava o direito de pedir aos proprietários dos terrenos, ovos e chouriço para fazer um petisco. Por sua vez, os proprietários tinham o dever de doar estes bens como agradecimento pela captura do predador.

O “elefante” da Malhada Velha

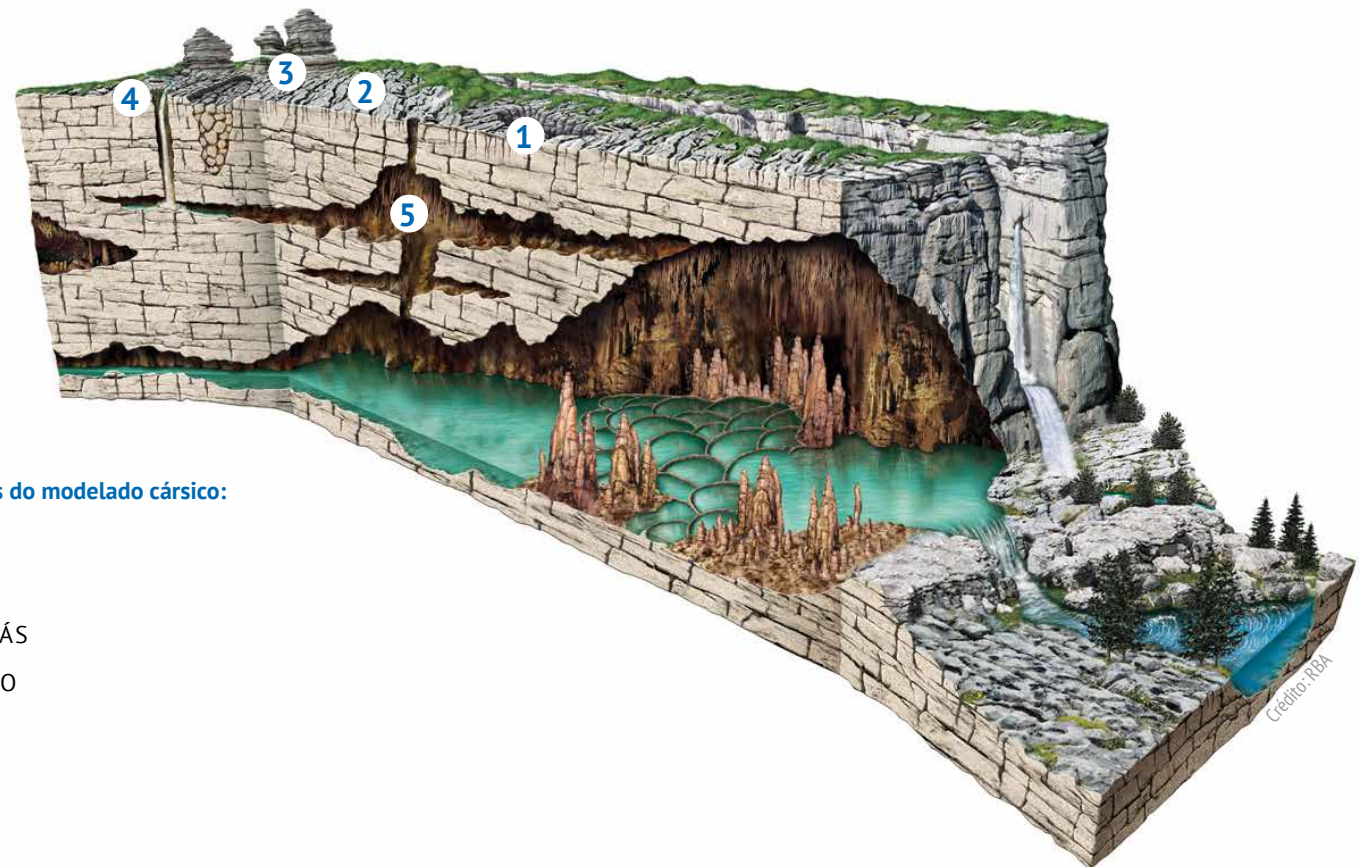


CARACTERIZAÇÃO AMBIENTAL

Geodiversidade

Nestes três campos de lapiás, Varejota (Castelão-Pissilveira), Barrocal da Tôr e Malhada Velha (Penedos de Frade) existem rochas calcárias que foram esculpidas durante milhões de anos, pela ação lenta e contínua da água da chuva que originou uma paisagem muito peculiar denominada modelado cársico. Algumas regiões com paisagens cársicas foram reconhecidas pela UNESCO como Património Mundial da Humanidade, tendo em conta os valores naturais e culturais que estão presentes nestas zonas. As estruturas geomorfológicas mais comuns do modelado cársico são as dolinas, os lapiás e as grutas.

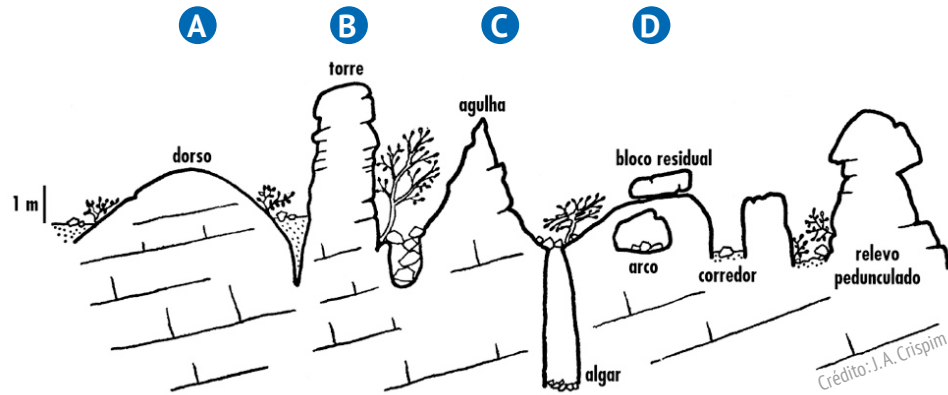
Uma **dolina** corresponde a uma depressão com contorno aproximadamente circular ou elíptico, sendo mais larga do que profunda. Os **lapiás** correspondem às formas que se assemelham a um rendilhado, resultante da dissolução que cinzela as rochas calcárias. Um **campo de lapiás** é uma área onde ocorrem diferentes formas lapias. Ao longo do tempo, a dissolução das rochas associada à infiltração de água nas fendas dos lapiás, nos sumidouros ou no fundo das dolinas, origina **grutas**. Como diz o provérbio... “água mole em pedra dura tanto bate até que fura”. Nas paisagens cársicas os solos são frequentemente formados por terra rossa, ou seja, por depósitos argilosos insolúveis de cor avermelhada.



Estruturas típicas do modelado cársico:

- 1 DOLINA
- 2 LAPIÁS
- 3 MEGALAPIÁS
- 4 SUMIDOIRO
- 5 GRUTA

Estruturas típicas do megalapiás no Algarve



Megalapiás

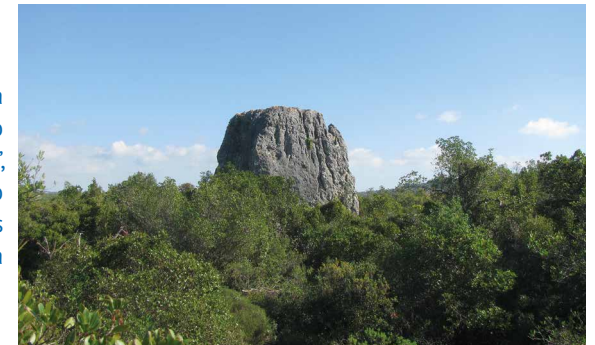
Por vezes os lapiás podem atingir grandes dimensões, utilizando-se nesse caso a designação de megalapiás. As estruturas deste tipo de lapiás assumem aspetos variados, tais como grandes dorsos de superfícies lisas e arredondadas **A**, torres **B**, agulhas **C** ou arcos **D**.

Na zona da Varejota são conhecidas cerca de uma dezena de algares, ou seja, grutas com desenvolvimento vertical. Algumas dessas grutas apresentam valor espeleológico significativo e servem de habitat para diferentes espécies de seres vivos, como por exemplo os morcegos.

Dorso localizado no campo de lapiás da Varejota



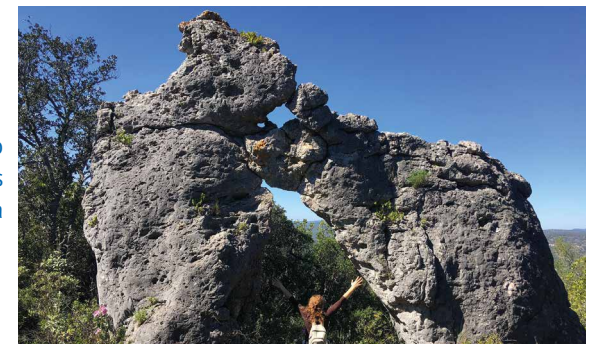
Torre, conhecida localmente como "Penedo amarelo", localizada no campo de lapiás da Varejota



Agulha localizada no campo de lapiás do Barrocal da Tôr



Arco localizado no campo de lapiás da Malhada Velha

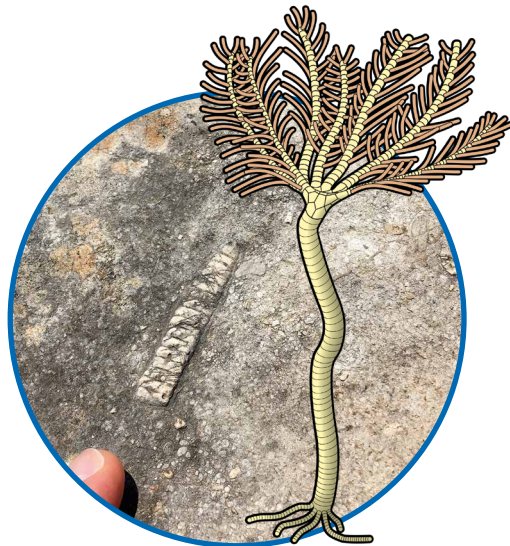


Rochas que nasceram no mar

Os vários tipos de calcários que afloram na zona da Varejota, do Barrocal da Tôr e da Malhada Velha formaram-se durante o período Jurássico, a partir de lamas ricas em carbonato de cálcio, num antigo mar tropical pouco profundo. Nesse mar, há cerca de 165 a 145 milhões de anos, viviam vários organismos como os corais e os crinóides que ficaram fossilizados nas rochas calcárias.

Fóssil do talo de um crinoide ¹

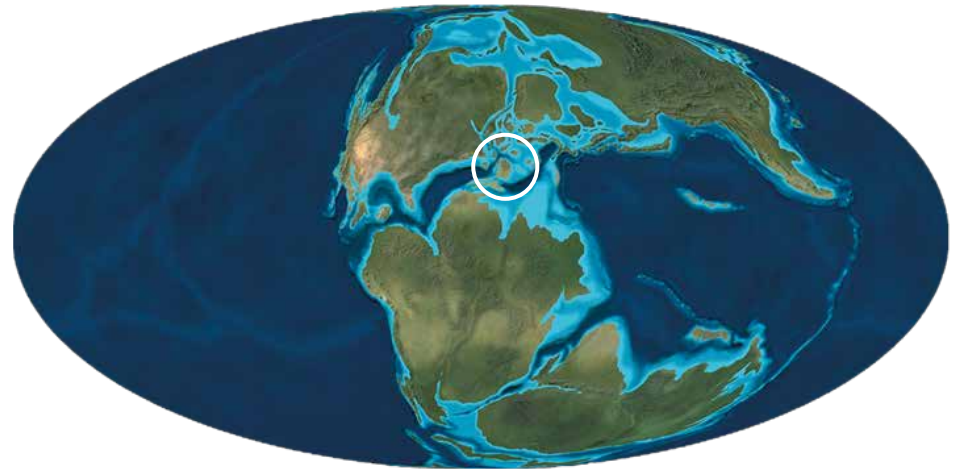
(e reconstituição do animal em posição de vida)
localizado no campo de Lapiás da Malhada Velha



Calcário pisolítico

Para além dos fósseis de organismos marinhos, existem rochas que nos fornecem pistas sobre o ambiente em que se formaram. É o caso dos calcários pisolíticos que são formados por estruturas que têm a dimensão de ervilhas e são designadas pisoides (ou pisólitos). Estas estruturas são constituídas por camadas concêntricas de carbonato de cálcio que se depositaram em torno de um grão de areia ou de um fragmento de concha, que foi rolando sobre o fundo marinho por ação das ondas e correntes de maré.

Mapa paleogeográfico com indicação da posição da Ibéria há cerca de 150 milhões de anos



Ao observar e tocar nestas rochas pode fazer-se uma autêntica viagem no tempo e no espaço, recuando milhões de anos, até uma região com um mar pouco profundo e com águas tropicais e agitadas. Pode até imaginar-se a acumulação destas estruturas - os pisoides - ao sabor das ondas e correntes de maré, à semelhança do que acontece hoje em dia em regiões intertropicais, como as Bahamas ou as Caraíbas.

[1] Os crinóides são animais marinhos formados por um talo segmentado e flexível, composto por vários ossículos, e, na sua maioria, vivem fixos ao fundo do mar.



Vista geral do ambiente natural nas áreas de megalapiás destacando-se, em primeiro plano, o *habitat* prioritário lajes calcárias

Flora e Vegetação

A singularidade da flora e da vegetação que ocorre nos megalapiás da Varejota, da Malhada Velha e do Barrocal da Tôr resulta da elevada variedade de *habitats* existentes. De entre os principais fatores que determinaram a elevada diversidade destacam-se, sobretudo: as espetaculares cristas e afloramentos rochosos calcários dolomíticos; a posição geográfica; as características dos solos e as condições bioclimáticas destes núcleos. Estas formações rochosas constituem *habitats* invulgares - solos pouco evoluídos com pouca capacidade de retenção de água - mas com particularidades florísticas únicas ¹.

A comunidade vegetal por si, também “conta histórias” sobre a evolução desta paisagem. Por ação do Homem, através de práticas agrícolas e expansão urbana, o território sofreu profundas alterações, homogeneizando a paisagem. Assim, as manchas de vegetação natural que ainda existem possuem um elevado valor ecológico, sendo fundamental a sua proteção. Vários *habitats* naturais e seminaturais aqui presentes são protegidos por lei, nomeadamente: matos termomediterrânicos pré-desérticos; prados secos seminaturais e facies arbustivas em substrato calcário; importantes *habitats* de orquídeas, vertentes rochosas calcárias com vegetação casmofítica (que se enraíza nas fendas das rochas); florestas de azinheiras (*Quercus ilex* e *Quercus rotundifolia*); e, em especial, os *habitats* prioritários de interesse comunitário, lajes calcárias e florestas endémicas do género *Juniperus* (neste caso de *Juniperus turbinata*, uma espécie de zimbro).

[1] Guia da excursão geobotânica do XIII Seminário Internacional de Gestão e Conservação da Biodiversidade - Vale do Lobo, Loulé (Algarve – Portugal). Fol. Bot. Extremadurensis, 13(1): 5-47

Os segredos florísticos

Esta área tem várias espécies consideradas raras, com interesse para a conservação da natureza e táxones de alto valor patrimonial, ou outros mais comuns, mas protegidos (como a gilbardeira - *Ruscus aculeatus*), e que enriquecem bastante este local.

Asplenium petrarchae

Feto, composto por vários caules que surgem da mesma raiz, que se esconde em fendas de superfícies rochosas calcárias. Em Portugal continental, a sua distribuição restringe-se praticamente aos territórios calcários do Barrocal algarvio.

Euphorbia clementei

Pequena planta calcícola (que ocorre preferentemente em meios calcários), de caules ascendentes e ramificados. Distribui-se pelo Noroeste de África e sul da Península Ibérica, atingindo o Barrocal algarvio. Ocorre na orla ou sob a proteção de um tipo de matagais altos, onde se pode encontrar o carrasco (*Quercus coccifera*), a aroeira (*Pistacia lentiscus*) ou o espinheiro-preto (*Rhamnus oleoides*).



Jardins de narcisos selvagens

Na Varejota escondem-se pequenos núcleos de várias espécies de narcisos, com um número reduzido de indivíduos. Pequenas plantas, bulbosas, de flores amarelas que ocorrem principalmente em fendas de rochas calcárias. Identificam-se três espécies de narcisos:

Narcissus calcicola

Espécie protegida, endémica e exclusiva do Centro e Sul de Portugal continental.

Narcissus bulbocodium (Campainha-amarela)

Espécie protegida, que possui uma ampla área de distribuição em Portugal continental.

Narcissus gaditanus (Narciso-gaditano)

Planta pouco frequente, e com distribuição circunscrita, em Portugal continental, aos territórios do Barrocal algarvio, é considerada uma espécie vulnerável.

Pormenor de *Narcissus calcicola* **A** e de *Narcissus gaditanus* **B**



A



B

Fauna

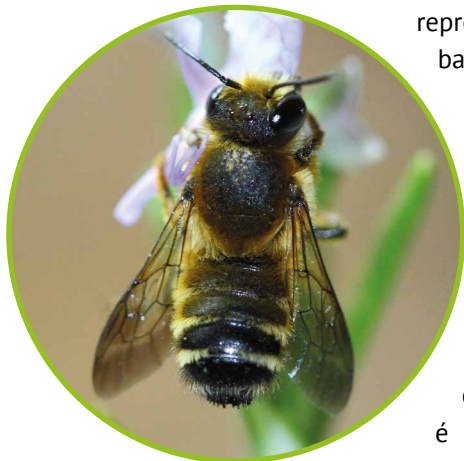
Insetos

Além das espécies de plantas referidas na secção “Flora e vegetação” é necessário destacar também a presença de algumas espécies que estão intrinsecamente associadas à diversidade de insetos, nomeadamente: a trepadeira *Aristolochia baetica*, característica do Algarve; a diversidade de espécies vulgarmente, conhecidas como estevas, da família Cistaceae; as orquídeas (p.e. *Orchis italica*, *Ophrys bombyliflora*, *Ophrys speculum*) ou a ainda a única tulipa nativa do país (*Tulipa sylvestris*).

Os insetos são fundamentais para o bom funcionamento de um ecossistema, por serem importantes polinizadores, fulcrais para a reprodução de algumas plantas, e por serem a base alimentar de inúmeros grupos de seres vivos. De entre as espécies de insetos mais carismáticas que pode observar nestas zonas do Barrocal, destacamos três:

Megachile ericetorum

Espécie de abelha considerada rara em Portugal, apesar de ser conhecida em alguns locais de norte a sul. Não é uma espécie especialista, podendo as



fêmeas recolher pólen de diversas plantas, contudo, é possível que prefira estes habitats calcários. Os ninhos são construídos em cavidades pré-existent e os machos têm um comportamento territorial, afastando ativamente outros insetos.

Borboleta-zebra (*Iphiclides feisthamelii*)

Espécie característica do sul. Em Portugal Continental é abundante, com vasta distribuição e presente em diversos tipos de habitat. É uma borboleta impressionante pela sua envergadura (55-80 mm), voo delicado, e fácil de identificar quando abre as asas, podendo observar-se o padrão listado preto e branco, que inspirou o seu nome comum.



Gafanhoto-pedra (*Ocnerodes fallaciosus*)

Endemismo ibérico. Em Portugal Continental está apenas registado no Sul, em biótopos com forte insolação, pedregosos, com pouca cobertura vegetal e presença de matos mediterrânicos baixos, como o Barrocal algarvio. O seu nome comum alude ao aspeto rugoso das espécies desta família, que os faz confundirem-se com as pedras dos caminhos.



Anfíbios

Os anfíbios dependem de massas de água para a sua sobrevivência e reprodução, daí que seja mais fácil encontrá-los na sua proximidade. Os adultos são geralmente noturnos e podem ser encontrados em dias chuvosos ou em zonas encharcadas. As paisagens cársicas são, tendencialmente, secas devido à infiltração rápida da água e respetiva circulação em profundidade. No entanto, as pias de dissolução, cavidades de menores dimensões, que podem ser encontradas nos três núcleos de lapiás, retêm a água das chuvas, ainda que temporariamente, o que acaba por ser um ponto de atração para estas e outras espécies. Em particular, destaca-se uma pequena cavidade inclusa existente na parede interna sul da Pia Silveira (Varejota) onde há água permanentemente.

De entre as espécies de anfíbios que pode observar destacam-se:

Sapo-corredor (*Epidalea calamita*)

Animal de hábitos terrestres, passa o dia debaixo de pedras ou em galerias que ele próprio escava com ajuda dos dedos anteriores bastante duros. Pode também trepar facilmente por muros e rochedos. Sai ao anoitecer em busca de coleópteros (como por exemplo os



escaravelhos), formigas, aranhas e larvas de insetos, deslocando-se de forma característica através de pequenas corridas.

Salamandra-de-pintas-amarelas

(*Salamandra salamandra*)

Esta espécie possui pele lisa, húmida e brilhante, com uma coloração muito característica: manchas amarelas sobre um fundo negro. Está eficazmente protegida contra a predação devido às secreções tóxicas emitidas pelas glândulas cutâneas quando perturbada. Ocorre numa grande variedade de habitats, onde se inclui o matagal mediterrânico.



Sapinho-de-verrugas-verdes-ibérico

(*Pelodytes ibericus*)

Tendo em conta o habitat destas áreas, há probabilidade de se cruzar com esta pequena rã, que é um endemismo ibérico confinado ao sudoeste da Península Ibérica. Pode identificá-la facilmente pela presença de numerosas verrugas de cor esverdeada, presentes sobre o dorso, patas e flancos. Aparece em poços, noras, minas, grutas e demais estruturas em profundidade.



Répteis

Das espécies de répteis que se podem encontrar no barrocal a maioria são terrestres. As várias pias, orifícios e fendas que se encontram nas estruturas cársicas são locais ideais para que estas espécies se abriguem durante a noite ou nas épocas mais frias, para se proteger. Na zona de influência mediterrânica, o clima é ameno, sendo possível observar répteis durante a maior parte do ano. Enquanto seres ectotérmicos (incapazes de regular a temperatura interna), os répteis necessitam de uma temperatura ambiente favorável para que o metabolismo funcione normalmente, pelo que poderá encontra-los a apanhar “banhos” de sol, em cima das rochas, nas horas de maior calor.

Osga-comum (*Tarentola mauritanica*)

Pequeno réptil, pouco tímido, que pode ser encontrado em habitats rochosos, tais como rochedos, muros, montes de pedras e paredes de casas, podendo também viver em troncos de árvores. A sua capacidade de se manter em superfícies verticais deve-se ao efeito de sucção das lâminas que possui nos dedos e às sedas que cobrem essas lâminas.



Lagartixa-do-mato (*Psammodromus algirus*)

Espécie com tons pardos ou esverdeados, contudo os machos ficam com a cabeça pigmentada de laranja ou vermelho durante a época de reprodução. Ocupa preferencialmente os substratos de manta morta, nos matos e bosques mediterrânicos. Para a observar, deverá dirigir-se para locais com boa insolação e evitar movimentos bruscos, uma vez que são animais muito sensíveis ao movimento, escondendo-se rapidamente.



Sardão (*Timon lepidus*)

Com manchas escuras num dorso verde e amarelo, este lagarto é o maior e mais robusto da fauna portuguesa. Ocupa principalmente zonas de mato mediterrânico com áreas abertas. Prefere locais com abundância de abrigos (acumulações de pedras, muros, arbustos espessos) e com boa exposição solar.



Nas suas caminhadas, poderá ainda cruzar-se com diferentes espécies de cobras da nossa fauna, todas elas inofensivas, tais como: a **cobra-de-ferradura** (*Hemorrois hipocreppis*); a **cobra-de-escada** (*Zamenis scalaris*) ou a **cobra-rateira** (*Malpolon monspessulanus*).

Aves

Mergulhada no seio do Barrocal, a área onde se inserem os Megalapiás é frequentada por diferentes espécies de aves, algumas residentes e outras que cruzam este território nas suas migrações rumo aos locais de nidificação ou invernada. Pela sua grande expansão de locais pouco perturbados pelo Homem, aqui as aves não são forçadas a agrupar-se em locais específicos, estando bem distribuídas pelo território; por isso nem sempre é fácil vê-las. Contudo, com atenção e alguma paciência, há algumas espécies que certamente se poderão ver e/ou ouvir.



Toutinegra-de-cabeça-preta
(*Sylvia melanocephala*)

Apesar de não ser uma espécie muito conhecida do público em geral, pelo seu diminuto tamanho e movimento constante, em zonas como o Barrocal é das espécies mais abundantes, devido à presença de zonas arbustivas densas. Se tiver a sorte de encontrar o macho (na fotografia) a cantar por perto, poderá ver o contraste evidente entre a cabeça negra, a garganta branca e o olho vermelho.

Pisco-de-peito-ruivo (*Erithacus rubecula*)

Uma ave muito bonita, que se pode deixar ver extraordinariamente perto. Esta espécie, muito territorial, aproxima-se muito de humanos quando estes “invadem” o seu território. Se isto lhe acontecer, aproveite o momento e saia logo de seguida, para o animal não abandonar o local.



Águia-de-asa-redonda (*Buteo buteo*)

Uma águia com uma asa muito arredondada (daí o nome) e com uma típica “meia-lua” visível na parte de baixo. Pode ser vista à procura de pequenas presas, comuns no território, como coelhos e micromamíferos. É uma das rapinas mais abundantes do país.



Poderá ainda ver e ouvir outras aves, tais como: **verdilhão** (*Carduelis chloris*); **pintassilgo** (*Carduelis carduelis*); **pombo-torcaz** (*Columba palumbus*); **tentilhão** (*Fringilla coelebs*); **melro-azul** (*Monticola solitarius*); **chapim-real** (*Parus major*); **chapim-azul** (*Cyanistes caeruleus*); **pardal-comum** (*Passer domesticus*) ou a **carriga** (*Troglodytes troglodytes*).

Mamíferos

Dentro deste grupo podemos distinguir dois subgrupos de mamíferos que diferem pela forma de locomoção: os que se deslocam a caminhar e os que possuem capacidade de voo, ou seja, os morcegos.

Latrina de coelho-bravo

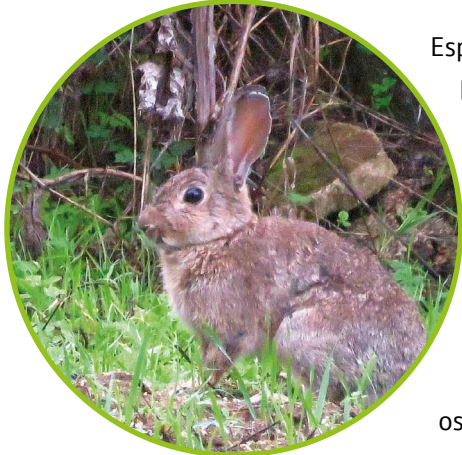


TERRESTRES

Os mamíferos terrestres são animais esquivos de hábitos maioritariamente noturnos ou crepusculares o que dificulta a sua visualização. A forma mais rápida de os detetar será pela identificação dos seus indícios de presença, como tocas, pegadas ou dejetos.

Coelho-bravo (*Oryctolagus cuniculus*)

Espécie cinegética e a presa preferencial para um vasto conjunto de predadores. Atualmente, encontra-se classificada, segundo a União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN), com o estatuto de “Em Perigo”, pelo declínio drástico das suas populações. Ocorre frequentemente em zonas de orla onde exista interligação entre prados e áreas de mato. Poderá facilmente encontrar os seus pequenos dejetos circulares



depositados em latrinas, ao longo dos caminhos ou em montículos de terra.

Pegada de raposa

Raposa (*Vulpes vulpes*)

Carnívoro, com uma dieta muito diversificada, de médio porte com pelagem castanho-avermelhado, facilmente reconhecido pelo seu focinho pontiagudo e orelhas proeminentes. É uma espécie muito curiosa por isso é comum encontrá-la ocasionalmente. As pegadas são facilmente confundidas com as dos cães, sendo, no entanto, mais pequenas e ovais, ficando também impressos os pelos. Deposita os dejetos em locais visíveis e proeminentes (caminhos, pedras ou tufos de vegetação), para marcação do território.



Sacarrabos (*Herpestes ichneumon*)

Carnívoro generalista de corpo alongado e fusiforme e cauda muito longa, com um tufo de pelos na ponta. Se tiver sorte, poderá cruzar-se com indivíduos solitários ou pequenos grupos familiares que se deslocam de forma peculiar: as crias seguem a mãe em fila-indiana, cada uma com o focinho por baixo da cauda da que a precede, daí o seu nome.



VOADORES

Os morcegos possuem uma significativa importância económica e ecológica por serem agentes naturais no controlo de pragas ou de vetores de doenças. Das espécies que existem em Portugal, as que utilizam os abrigos subterrâneos, os designados por cavernícolas, estão entre as espécies mais ameaçadas. Os indivíduos destas espécies são extremamente dependentes do seu abrigo, como: proteção diurna, local de criação das crias ou para hibernar. As áreas envolventes aos abrigos são também de extrema importância para a conservação destas espécies por serem locais de alimentação. Nas proximidades de núcleos de lapiás são conhecidos vários pontos críticos pela presença de abrigos de importância nacional ou com habitat potencial para a ocorrência de abrigos de morcegos cavernícolas.

Morcego-de-franja do Sul (*Myotis escalerai*)

Morcego, de tamanho médio e orelhas relativamente grandes, apresenta hábitos cavernícolas estritos durante a época de reprodução, altura em que forma colónias de centenas de indivíduos. Em Portugal distribui-se por todo o território continental, no entanto, apresenta um efetivo reduzido e são poucos os abrigos conhecidos da espécie.

Morcego-de-ferradura-pequeno

(*Rhinolophus hipposideros*)

É o mais pequeno morcego-de-ferradura da Europa, muito abundante em Portugal, envolvendo-se completamente nas membranas alares quando se encontra em estado de letargia. Maioritariamente solitário, contudo, durante a época de maternidade, pode formar colónias de criação com dezenas de indivíduos. Tem um voo bastante ágil, caçando as suas presas em voos de baixa altitude, próximos à vegetação, ou pousadas em pedras, ramos ou folhas.



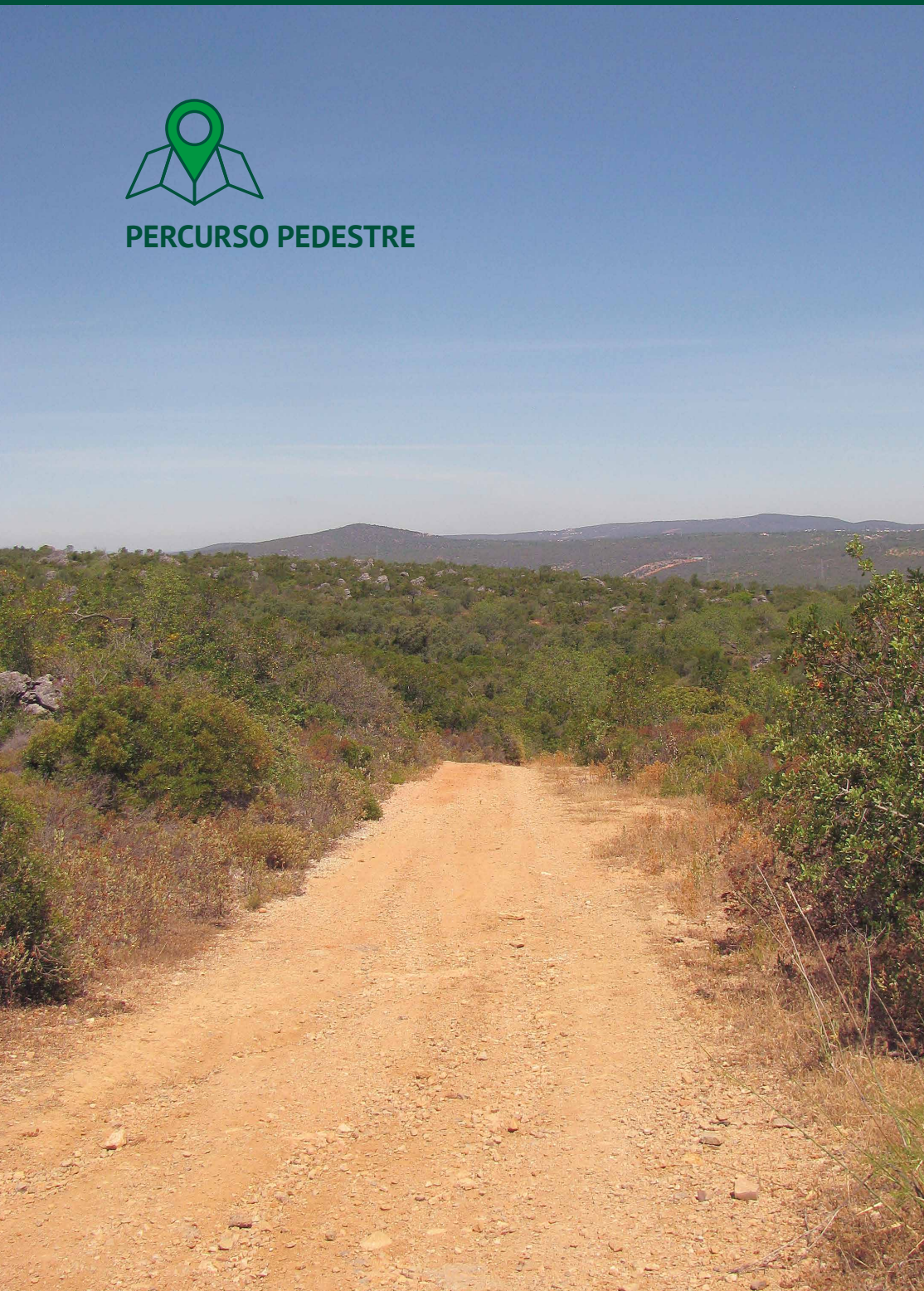
Morcego-negro (*Barbastella barbastellus*)

Espécie de fácil identificação devido às orelhas curtas e largas, viradas para a frente e unindo-se acima da testa, por uma prega de pele, e pela sua coloração quase negra, única nos morcegos portugueses. Tipicamente arborícola, característica de zonas de sobreiro, abriga-se em cavidades das árvores ou em zonas de casca solta. Possui um voo particularmente rápido e ágil, movendo-se com facilidade perto da copa das árvores em zonas de densa vegetação e cheias de obstáculos.





PERCURSO PEDESTRE



Percurso do núcleo Castelão-Pissilveira (Varejota)

Ponto de partida e chegada: N 37°09'33.3" / W 8°04'21.7"

Extensão: 7,2 km

Grau de dificuldade: **Fácil**

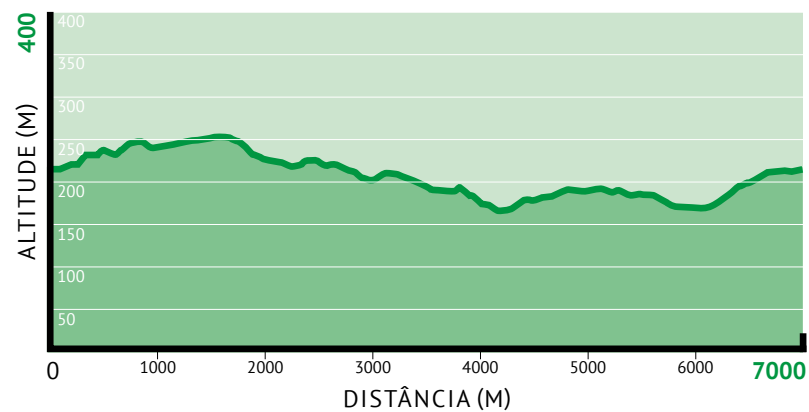
Altitude mínima: **171,8 m**

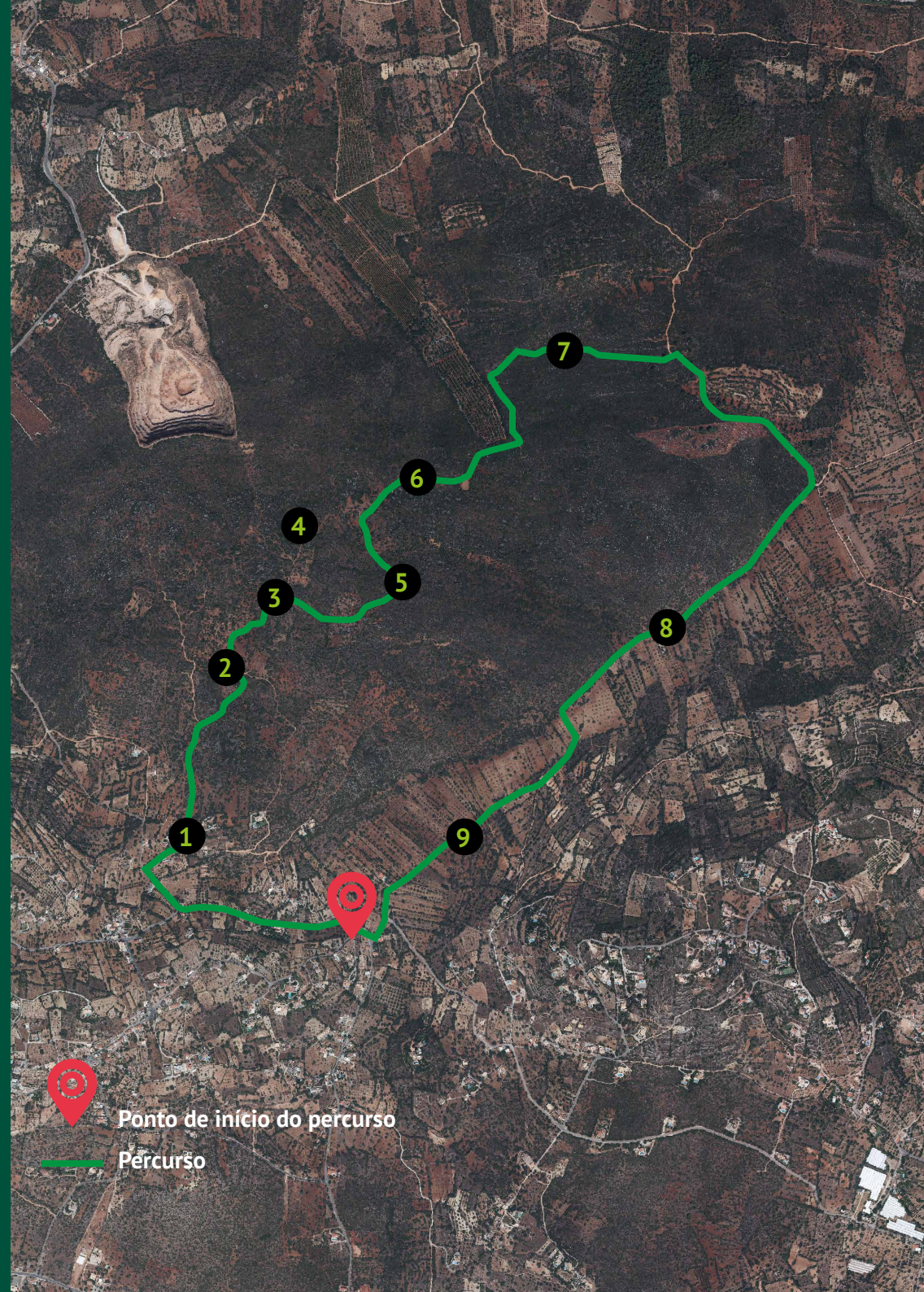
Altitude máxima: **260,9 m**

Subida acumulada: **198,2 m**

Descida acumulada: **198,2 m**

Perfil topográfico





Ponto de início do percurso

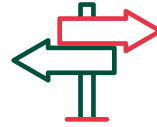


Percurso



Pontos de interesse: **1** Após cerca de 1km de caminhada em estrada de alcatrão, e antes de iniciar o percurso em terra batida, verá uma placa toponímica relacionada com uma das estruturas cársticas mais populares a nível local. **2** Nesta subida ligeira começará a encontrar os megalapiás, destacando-se alguns do tipo “torre”. **3** Escondida no meio do matagal à sua direita está a entrada do “Algar da Areia”. **4** A cerca de 200m à esquerda do caminho principal, encontra-se a “Pia Silveira”. Esta é uma estrutura cárstica que possui água todo o ano e onde, por vezes, é possível ver peixes ou anfíbios, como a salamandra-de-pintas-amarelas. **5** Aprecie, neste local, a vista panorâmica sobre os inúmeros afloramentos cársticos, que irrompem pelas encostas revestidas por matos densos. Desde aqui, e em silêncio, poderá ouvir o chilrear de passeriformes ou vislumbrar o planar de rapinas à procura da sua presa. **6** Um pouco mais à frente, à sua direita, surge imponente, no meio de matagais de aroeira, carrasco, murta e medronheiro, o “Penedo Amarelo”, com cerca de 8,5 m de altura (Veja a segunda foto do lado direito na página 9, secção “Geodiversidade”). **7** Neste troço do percurso poderá encontrar pequenas formações de calcário pisolítico (Veja a foto no final da secção da

Geodiversidade). Esteja atento ao solo! Poderá cruzar-se com pegadas de raposa ou latrinas de coelho-bravo, indícios da ocorrência destas espécies no local. **8** Aprecie mais uma vista panorâmica, desta vez do campo de lapiás do Barrocal da Tôr. **9** Neste troço final, acompanhará os muretes a delimitar os campos de sequeiro. Na encosta a noroeste, sobressairão os megalapiás localizados na encosta ao longo da depressão cárstica Almarjões-Varejota.



CÓDIGO DE CONDUTA



SIGA APENAS PELOS CAMINHOS INDICADOS NOS PERCURSOS

RESPEITE A PROPRIEDADE PRIVADA

NÃO ABANDONE O LIXO NO CAMINHO, LEVE-O ATÉ UM LOCAL ONDE HAJA SERVIÇO DE RECOLHA

NÃO PERTURBE A VIDA SELVAGEM, OBSERVE A FAUNA À DISTÂNCIA COM BINÓCULOS

NÃO RECOLHA AMOSTRAS DE PLANTAS OU ROCHAS

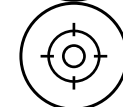
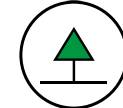
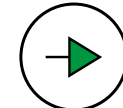
NÃO DANIFIQUE ELEMENTOS DO PATRIMÓNIO NATURAL OU CULTURAL (LAPIÁS E MUROS DE PEDRAS)

EVITE BARULHOS E ATITUDES QUE PERTURBEM A PAZ LOCAL

SEJA EDUCADO COM AS POPULAÇÕES LOCAIS

NÃO FAÇA QUALQUER TIPO DE LUME

DURANTE O PERÍODO VENATÓRIO EVITE VISITAR O LOCAL NOS DIAS FORMAIS DE CAÇA



AGRADECIMENTOS

A Associação Almargem expressa o seu reconhecido agradecimento:

Ao Professor **João Santos**, fundador e sócio nº1 da Associação Almargem, apaixonado por estes dois locais e o grande mentor deste projeto, que infelizmente já não viu concretizado.

Às várias entidades e pessoas singulares que ajudaram na concretização deste projeto através dos mais diversos apoios:

Câmara Municipal de Loulé;
Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF);
Junta de Freguesia de São Clemente;
Associação de caçadores do Barrocal Algarvio;
Zona de caça associativa de Tôr;
Jorge Duarte;
Manuel Vieira;

Moradores, proprietários e outros conhecedores da área

(Adelina, Aldina Coelho, Aurélia Fernandes, Cristina Valente, Elisiário Gonçalo Martins Pintassilgo, Fátima Guerreiro, Horácio Piedade, Jack Soifer, João Manuel, José Santos Coelho, Lisete Casanova, Lurdes, Manuel da Silva Costa, Manuel Rita, Maria Apolónia Casanova, Maria Cristina Iria Valente, Maria das Dores, Maria dos Anjos, Mário Guerreiro, Pedro, Raúl Correia Domingos e família, Rui Lopes Carvalho, Teresa Mendes e Vitorino Inácio).



A PENSAR NO AMBIENTE ESTA BROCHURA É IMPRESSA EM PAPEL RECICLADO CYCLUS OFFSET

FICHA TÉCNICA

PROPRIEDADE

Almargem - Associação de Defesa do Património Cultural e Ambiental do Algarve

SEDE Praceta Julião Quintinha, Bloco A, r/c esq.
8100-545 Loulé, Algarve, Portugal
TELEFONE 289 412 959
EMAIL almargem@mail.telepac.pt
WEBSITE www.almargem.org

EDIÇÃO

Câmara Municipal de Loulé

TEXTOS

Associação Almargem
GeoWalks & Talks (Geodiversidade)

REVISÃO TÉCNICA

Flora e vegetação

Manuela David

Anfíbios e répteis

Bruno H. Martins

Mamíferos voadores

Mário Carmo

ORTOFOTOMAPAS

Cedidos pela **Câmara Municipal de Loulé**

FOTOGRAFIA

Capa, geodiversidade e percurso da Varejota

GeoWalks & Talks

Geodiversidade (Mapa Mundo)

Deep Time Maps™

Flora e vegetação

ALGU, Herbário da Universidade do Algarve

Insetos

Albano Soares (*Megachile ericetorum* e borboleta-zebra);
Rui Félix (Gafanhoto-pedra)

Aves

André Pinheiro

Mamíferos (não voadores)

André Pinheiro (Coelho-bravo);
Cláudia Encarnação (Latrina de coelho-bravo e pegada de raposa)

Mamíferos (voadores)

João Manuel Lemos Lima, CC BY 4.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0>), via
Wikimedia Commons (Morcego-de-ferradura-pequeno);

C. Robiller / Naturlichter.de, CC BY-SA 3.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0>), via
Wikimedia Commons (Morcego-negro)

Restantes

Associação Almargem

EQUIPA TÉCNICA DO PROJETO

História, tradições e evolução da paisagem

Luis Palma, Joaquim Mealha e Patrícia Ramalho

Geodiversidade

Francisco Lopes e Hélder Pereira (GeoWalks & Talks)

Flora e vegetação

ALGU, Herbário da Universidade do Algarve

Insetos

Tagis, Centro de Conservação das Borboletas de Portugal

Répteis e anfíbios

Bruno H. Martins e Vasco Flores Cruz

Aves

Miguel Mendes

Mamíferos (não voadores)

Cláudia Encarnação

Mamíferos (voadores)

Mário Carmo

PAGINAÇÃO Célia Palma

IMPRESSÃO **Lidergraf** - Artes Gráficas, S.A.

TIRAGEM 3000 exemplares

DISTRIBUIÇÃO Gratuita

DEPÓSITO LEGAL 480764/21

1ª Edição, Março de 2021



PROJETO



CADOIÇO E MEGALAPIÁS LOULÉ

PROMOTOR



PARCERIA



ALGARVENSIS

aspirante a GEOPARQUE

LOULÉ
SILVES
ALBUFEIRA

